Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.08, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3899

A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: INTERFERÊNCIA NO DESEMPENHO ACADÊMICO DA CRIANÇA

THE RELATIONSHIP BETWEEN FAMILY AND SCHOOL: INTERFERENCE IN CHILDREN'S ACADEMIC PERFORMANCE

Daniela Lourenço de Brito
Graduanda em pedagogia, Faculdade de Ensino superior de Linhares-ES, Brasil
E-mail: dannielalourenco20@gmail.com

Nicoli Sacramento Chagas
Graduanda em pedagogia Faculdade de Ensino superior de Linhares-ES, Brasil
E-mail: sacramentonicoli@gmail.com

Rosanea Pagoto
Professora na Faculdade de Ensino superior de Linhares-ES-Brasil
E-mail: rosanea.pagoto@faceli.edu.br

Recebido: 01/04/2025 – Aceito: 29/04/2025

Resumo

Este artigo tem como tema a relação família e escola na interferência no desenvolvimento acadêmico da criança, pois observa-se que os papéis envolvendo a educação estão se invertendo, as famílias costumam abrir mão exacerbadamente do direito de educar e transmitir os valores a seus filhos, deixando a responsabilidade, muitas vezes, para a escola não detém este direito de forma total, sendo que algumas condutas são obrigação da família. Partindo desses preceitos, esta pesquisa trata de analisar como a relação família e escola interferem no desempenho acadêmico da criança. A metodologia adotada é uma revisão bibliográfica qualitativa e foca em estudos que discutem o tema desta pesquisa. Nos resultados, foi possível concluir que a relação entre família e escola pode interferir significativamente no desenvolvimento acadêmico da criança, existindo maneiras pelas quais essa relação pode impactar, como suporte emocional, comunicação eficaz, expectativas e valores, apoio ao aprendizado, desenvolvimento de habilidades e melhoria do desempenho.

Palavras-chave: Escola; Família; Interferência; Desempenho.

Abstract

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.08, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3899

This article focuses on the relationship between family and school in the interference in the academic development of children, since it is observed that the roles involving education are being reversed. Families tend to excessively give up the right to educate and transmit values to their children, often leaving the responsibility to the school, which does not hold this right completely, and some behaviors are the family's obligation. Based on these precepts, this research aims to analyze how the relationship between family and school interferes in the academic performance of children. The methodology adopted is a qualitative bibliographic review and focuses on studies that discuss the theme of this research. In the results, it was possible to conclude that the relationship between family and school can significantly interfere in the academic development of children, and there are ways in which this relationship can impact, such as emotional support, effective communication, expectations and values, support for learning, development of skills and improvement of performance.

Keywords: School; Family; Interference; Performance.

1. Introdução

A estrutura familiar passou por transformações ao longo dos anos, tradicionalmente a família era vista como nuclear pai, mãe e filhos. Hoje, existem famílias monoparentais com apenas um dos pais, reconstruídas com filhos de relacionamentos anteriores, homoafetivas, extensas com avós e outros parentes.

O escritor Áries (1978, pág. 273) cita que na Idade Média não havia intimidade familiar, ou seja, a vida pessoal não era pessoal, era exposta para todos. “As pessoas viviam misturadas umas com as outras, crianças, idosos, em casas abertas à vista de todos.” As crianças não tinham sua infância respeitada, sendo lançadas na sociedade com apenas sete anos de idade e educadas pela sociedade, não por sua própria família. Com isso a criança deixava de ser criança antes do seu tempo, pois já crescia no meio dos adultos, assim ela se

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3899

comportava conforme um adulto, sua linguagem e modo de se expressar eram diferentes dos de uma criança comum.

A relação de intimidade da família para com a criança foi ganhando forma ao longo dos anos, a preocupação com a educação das mesmas foi delimitada com o surgimento da Idade Moderna, em meados do século 17, sendo a educação tradicional substituída pela escola.

Venosa (2005) aponta a mudança nos papéis dentro de casa, devido a Era Industrial. Antes eram todos da casa que trabalhavam, sem exceção. O papel de provedor ficou com o homem, que deixava a família e se dirigia às fábricas para trabalhar.

De acordo com Duarte (2000), as mulheres passaram a deixar suas casas e isso gerou uma mudança drástica na sociedade, suscitando a necessidade de criar um espaço de educação infantil para acolher os filhos delas, ressaltando ainda, que de acordo com a autora, a criação desses espaços resultou em a família deixar de ser o único núcleo na educação dos filhos.

Com a mulher assumindo as funções de trabalho, houve uma mudança na estrutura familiar, pois antigamente elas não tinham direito a sair para o trabalho, quem fazia este papel era o homem. Elas ficavam responsáveis em cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos. Entretanto, a partir do momento que lhes foi concedido o direito para trabalhar nas fábricas, as crianças foram para a escola, mudando a configuração da família.

As crianças ficavam a maior parte de seu tempo na escola, distanciando-se da convivência familiar:

Atualmente, a escola e outras instituições de educação, esportes e recreação preenchem atividades dos filhos que originalmente eram responsabilidade dos pais. Os ofícios não mais são transmitidos de pai para filho dentro dos lares e das corporações de ofício. A educação cabe ao Estado ou a instituições privadas por ele supervisionadas (Venosa, 2005, p. 22).

Diferentemente, a sociedade contemporânea possui uma divisão das responsabilidades para com a criança, não sendo somente a família a detentora dessa obrigação. Vemos que há outros detentores desse dever, conforme cita

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3899

4º artigo do Estatuto da Criança e do Adolescente:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (Brasil, 1990).

O estado tem o dever de assegurar que toda criança tenha acesso à educação, assim a sociedade, a família também deve garantir que haja acesso, não só à educação, mas aos demais direitos que garantem que haja um desenvolvimento dessa criança de forma saudável e legalmente perante os órgãos judiciários e de proteção aos direitos da criança e do adolescente.

Considerando os interesses da pesquisa do ponto de vista educacional faz-se necessário deixar nítidos os objetivos desse estudo, sendo o objetivo geral analisar como a relação família e escola interfere no desenvolvimento acadêmico da criança e como objetivos específicos verificar a influência da participação familiar no desempenho acadêmico dos alunos; investigar como a indisciplina interfere no desenvolvimento acadêmico; examinar os impactos do nível socioeconômico e cultural das famílias no processo escolar dos alunos e investigar como a comunicação entre a família e a escola interferem no desenvolvimento acadêmico Assim, para a realização deste trabalho, desenvolveu-se a pesquisa bibliográfica baseada em escritos científicos dos autores como Áries (1978), Duarte (2000), Venosa (205), dentre outros.

1.1 OBJETIVOS GERAIS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar como a relação família e escola interfere no desenvolvimento acadêmico da criança

1.1.2 objetivos específicos

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.08, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3899

Verificar a influência da participação familiar no desempenho acadêmico dos alunos;
Investigar como a indisciplina interfere no desenvolvimento acadêmico;
Examinar os impactos do nível socioeconômico e cultural das famílias no processo escolar dos alunos;
Investigar como a comunicação entre a família e a escola interferem no desenvolvimento acadêmico.

2. A INFLUÊNCIA DO ACOMPANHAMENTO FAMILIAR NO DESEMPENHO ACADÊMICO

Sabemos que existem documentos que garantem os direitos das crianças e dos adolescentes sejam assegurados pelas suas famílias, na Constituição federal de 1988 fala-se muito acerca da educação e das outras modalidades de ensino também, e reafirma o compromisso do estado e família para que esse direito seja reafirmado a criança:

> **Art. 205.** A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/1996) é uma das referências no que compete garantir o acesso aos direitos da criança e do adolescente, em seu art. 3º temos os princípios que regem o ensino no Brasil, são eles:

1. Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola
2. Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber
3. Pluralismo de ideias e concepções pedagógicas
4. Respeito à liberdade e apreço à tolerância
5. Coexistência de instituições públicas e privadas de ensino

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3899

6. Gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais
7. Valorização dos profissionais da educação
8. Gestão democrática do ensino público
9. Garantia de padrão de qualidade
10. Valorização da experiência extraescolar
11. Vinculação entre educação escolar, trabalho e práticas sociais
12. Consideração com a diversidade étnico-racial e valorização das culturas indígenas e afro-brasileiras
13. Garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida

O Estatuto da Criança e do Adolescente frisa que a família tem que garantir a efetivação dos direitos da criança/adolescente, não só no que compete à educação, mas à saúde, lazer e alimentação (Brasil, 1990).

Malavazi (2000, p. 258) cita que atualmente os papéis envolvendo a educação estão se invertendo, as famílias costumam abrir mão exacerbadamente do direito de educar e transmitir os valores a seus filhos, “enquanto a escola está pegando para si esta responsabilidade, sendo que a escola não detém este direito de forma total, algumas condutas são obrigação da família, sendo que ela deve reivindicá-las, enquanto outras são da natureza da escola.”

Com esta inversão de papéis as funções reais de cada uma ficam mascaradas, o papel da escola é de “promover o desenvolvimento do indivíduo, tornando-o capaz de ser autônomo, de se desenvolver dentro da sociedade, enfrentando os desafios, tem a função de ensinar e não limitar o indivíduo” (Assis (1994, p. 130).

É possível que comportamentos presentes no ambiente familiar sejam levados para o cotidiano escolar, e sejam externalizados pelas crianças, a escola por vezes pode vir a jogar sua responsabilidade em cima da família, e cada vez mais frequentes vemos familiares esperando por soluções que acreditam ser da escola. Dessa forma se criam as crenças de que apenas a família é capaz de resolver, enquanto o foco na responsabilidade da escola é desviado, pois a escola é capaz de resolver questões de indisciplina e desobediência a regras.

Carvalho (2000) levanta a questão que se insistirmos no discurso que a família tem

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3899

que ajudar em casa, dar assessoria, entramos em conflito com aquelas famílias cujas mães não têm estrutura nem tempo, será então que suas crianças irão fracassar? Na sociedade atual, defende-se que a família tenha participação ativa na escola, e famílias que não representam esse modelo são malvistas pelos professores.

Carvalho (2000) ainda cita que o aluno deve ser preparado de acordo com seu contexto e a escola aprender a conviver com suas diferenças e constantes mudanças familiares, participando ativamente dessas mudanças para que saiba lidar com as famílias que tem disponibilidade e para com aquelas que não a possuem, considerando que nas duas situações existem preocupações.

Relacionado ao fracasso ou sucesso escolar, o papel de educadora ficou com a mãe, enquanto o pai é o provedor da casa, sendo comum essa troca no interior das famílias, enquanto o pai apoia o filho a estudar, a parte pedagógica fica com a mãe, o pai só vai à escola se for solicitado por mau comportamento apresentado pelo filho, por ser a figura de maior poder em casa (Lewis e Forman 2002).

Goddard, Tschannen e Hoy (2001) falam que o sucesso escolar é uma construção social, onde se compartilham as crenças de pais e alunos, para a construção desse sucesso é necessário a participação dos pais no cotidiano escolar, junto com os professores demonstrando comprometimento com o sistema de ensino.

Para esses autores os pais que não se envolvem geralmente são das famílias menos abastadas, diante do fracasso de seus filhos não querem questionar, usam de frases negativas como “ele não tem jeito”, enquanto os pais, estáveis financeiramente, levam a sério o que a escola fala e questionam seus filhos, se mobilizando para que eles aprendam.

3. INDISCIPLINA: PROBLEMA DA FAMÍLIA E DA ESCOLA

A indisciplina de um aluno é algo que vai além dos valores ensinados em casa, é uma característica de contextos que desenvolvem regras de disciplina, como é o caso da escola (Collett, Gimpel, Greenson, & Gunderson, 2002).

O processo de adaptação à escola é um aspecto que envolve a parceria escola e

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3899

família. Lippitz e Levering (2002) advertem sobre os pais ensinarem a criança sobre o valor e significado da escola, fazendo ela se sentir mais confiante e estimulada.

Este tema pode gerar discussões de cunho interessante para que haja mais debates acerca da parceria da família com a escola, sendo possível identificar que comportamentos que as crianças apresentam na escola, primeiramente elas vivenciaram no seio familiar. Segundo Szymanski (1997) a escola e família carregam um objetivo comum que é o de preparar a criança para a sociedade, sendo a família uma instituição em transição, procurando se ajustar na sociedade devido aos movimentos e ideais, fazendo comparativo com as famílias de dez anos atrás e de hoje, vemos diferenças sim, mas não desequilíbrio.

A indisciplina é um processo que está em constante evolução, ela não paralisou, ela apresenta avanços, e não é a mesma de décadas atrás (AQUINO,1996). E para os educadores há um desafio ainda maior para lidar com as manifestações variáveis de indisciplina, assim como os genitores também apresentam despreparo para educar seus filhos.

Há de se considerar que o comportamento indisciplinado do aluno é originado das relações com os professores, onde estes esperam que o aluno atinja algum objetivo e quando ele não atinge, o professor não sabe lidar com isso, gerando desequilíbrio emocional (RATHVON, 1996).

Se faz necessário introduzir inovações educacionais para amenizar esses conflitos e tornar essa relação mais proveitosa para todos: a família, a escola e o aluno, que é o centro e a parte que sai prejudicada. É preciso uma relação de cooperação entre os envolvidos, buscando controlar a situação.

O sucesso escolar é facilmente atribuído às práticas pedagógicas efetivas. E o fracasso escolar, como se explicar, ao que se atribui? É necessário investigar o fruto do fracasso escolar, a raiz do problema, identificar os traumas que a criança apresenta e como fazer para resolver. La Taille (1994, p. 9) cita que “as crianças precisam aderir às regras (valores e formas de conduta) que o professor transmite para elas, que seus pais transmitem, e que os limites não devem ser quebrados, estes possuem o sentido bom e o negativo, e que é preciso analisar os dois lados”.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.08, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3899

Alguns pais não impõem regras aos filhos, deixando-os à vontade para que façam o que é favorável somente a eles, o que faz com que não saibam lidar com as frustrações da vida.

4. NÍVEL SOCIOECONÔMICO E CULTURAL DAS FAMÍLIAS NO PROCESSO ESCOLAR DOS ALUNOS: IMPACTOS

Antes mesmo da Constituição Federal de 1988 decretar que a educação era um direito de todos, tanto governo estadual, quanto federal e os municípios já estavam preocupados em instalar escolas para que as crianças pudessem estudar.

Sabe-se que o público usufruto do sistema escolar é eclético, existem realidades distintas ali, e nem todas as famílias possuem uma condição econômica favorável ao estilo de vida da sociedade atual, e principalmente para dar ao filho itens que ele necessita. Patto (1990,1997) na década de 80 falou sobre as concepções de fracasso escolar atribuídas às famílias de condição econômica baixa, e a opressão da escola em relação a estes alunos, e a isenção de sua culpa.

Patto (1997) na psicologia escolar afirmou:

> "[...] o ambiente familiar na pobreza é deficiente de estímulos sensoriais, de interações verbais, de contatos afetivos entre pais e filhos, de interesse dos adultos pelo destino das crianças, num visível desconhecimento da complexidade e das nuances da vida que se desenrola nas casas dos bairros mais pobres" (p. 285).

Então, a família que não tem dinheiro, carrega a culpa por seu filho não corresponder aos estímulos recebidos na escola, mas não só a carência do dinheiro que é citada, mas carência de incentivo, de amor, de apoio, pois a criança tem sua luta diária para se superar e nenhum adulto a incentivando.

Sabemos que na sociedade atual falta estreitamento dos laços entre a escola e família, e que existem sim, muitas famílias que não podem arcar nem com material

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3899

dos filhos, mas não é esse o maior dos problemas, e sim a negligência afetiva, que desencadeia todo o resto. Zago (2000, p.20-21), cita o papel indispensável da família na construção do ser escolar que o aluno tem, e seu papel não deve ser abdicado.

Lares que apresentam livros, jogos pedagógicos que potencializam as habilidades pedagógicas são mais suscetíveis a crianças que aprendam a lição escolar, pois causam motivação nelas. Mas, os pais, é claro, têm que estar ali para dar apoio à criança, não somente os livros. Martini (1995, apud Marturano, 1998) fala do suporte emocional, adultos unidos e estáveis emocionalmente causam nas crianças um reflexo positivo.

Marturano (2006) fala que surgiu na década de 1960 o interesse por estudar as influências familiares no rendimento do aluno, estudando as variáveis econômicas, e, os processos da vida familiar implicitamente envolvidos.

Lahire, em 2004, fez uma pesquisa sobre fatores familiares envolvidos no processo de ensino e aprendizagem da criança, e descobriu vários fatores por trás do fracasso e sucesso escolar, entre eles a variável econômica, grau de instrução de parentes, grau de valorização da experiência escolar por meio dos parentes, etc.

Então, vemos aqui que a condição econômica reflete sobre a postura dos pais frente à escola e aos seus filhos, mas que não é um fator isolado, têm as outras variáveis que atuam em conjunto no atraso escolar da criança, mas que a escola está aí para, em parceria com a família, romper essa barreira, por meio de diálogo e intervenções que favoreçam a educação da criança e todos saiam ganhando.

5. A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA

As famílias apresentam diversas configurações atualmente, famílias multigeracionais, famílias reconstituídas ou recasadas, famílias de mãe ou pai solteiro, famílias apenas de casais, que coabitam ou não, famílias com pais homossexuais, famílias com filhos de inseminação artificial (Petzold, 1996; Stratton, 2003; Turner, & West, 1998, citados por Oliveira, & Marinho-Araújo, 2010; Polity,

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3899

2009). Não se pode dizer ao certo qual forma de família é aceita pela sociedade (Oliveira & Marinho Araújo,2010).

A família e a escola estão sujeitas às transformações, o aluno que antes era um receptáculo de informações agora é um sujeito educado no contexto da relação entre a escola e a família num contexto inter-relacional (Polity,2009). Minuchin (1982/1974 citado por Coelho, 2007) fala que a família apresenta sua complexidade, e suas mudanças constantes principalmente ao se relacionar com outros sistemas, como o da escola, por exemplo.

Explorando a linha de pensamento sistêmico, temos um fator dentro desse ecossistema escola-família fundamental para essa relação, chamado sintoma que tem o papel de estabilizar as relações de equilíbrio. Satir (1980 citado por Andrada,2003) diz que o sintoma é considerado um problema e na educação há uma falha de comunicação que afeta as crianças que já apresentam dificuldades escolares.

O fracasso escolar aparece em todos os níveis educacionais, e junto com ele vêm vários outros problemas: a evasão escolar, problemas de comportamento, dificuldades sensoriais e físicas (Cohen,2004). Atualmente não se considera somente que a criança é culpada por seu fracasso, os estudiosos constataram que causas familiares também estão presentes intimamente nas falas e culpas carregadas pelas crianças (Rodrigues,2010).

A escola culpa a família pelo fracasso escolar, a família culpa a criança e a escola, mas se nota que os pais não dão engajamento escolar, não participam ativamente, e isso influencia no comportamento da criança (Oliveira e Marinho Araújo,2010).

Saviani (2005), cita que a escola se relaciona com a ciência e não com o senso comum, e existe para proporcionar a aquisição de conhecimentos, de valores, para acessar o saber elaborado e as bases desse saber, é para desenvolver o sujeito. Ambos apresentam características distintas, mas são interdependentes, eles se complementam e precisam conversar, pois sua tarefa de educar e formar cidadãos precisa ocorrer de forma conjunta (Reali & Tancredi, 2005, p.240).

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3899

No enfoque sociológico a relação família e escola tem aspectos culturais e ambientais, a educação e a classe social apresentam conflitos entre seus objetivos, a escola está para transmitir valores coletivos e a família os valores individuais (Oliveira 2002). Quando a escola “força” uma aproximação com a família, existe ali um objetivo implícito de fazer as crianças, que apresentam evasão de frequentarem a escola, de ajustar as famílias consideradas “desajustadas”.

Professores se esforçam para estreitar os laços com os pais, mas estes muitas vezes são desinteressados ao aproximarem-se mais dos educadores, jogando a tarefa de educar única e exclusivamente à escola. Essa fala dos professores “Visa apenas culpar a vítima, e é uma visão pessimista da relação escola/pais” (Marques, 1999 p.15).

Tancredi e Reali (2001), acreditam que quem deve dar o primeiro passo para relação escola/pais funcionar não são os pais, e sim os professores, pois eles são a chave do processo ensino-aprendizagem. A escola com toda a sua formação e bagagem deve dar o primeiro passo, não transferindo a culpa para a família, pois isso gera sentimento de ansiedade e vergonha, os tornando incapazes perante a situação.

Apesar desse discurso de que a escola deve se aproximar da família para estreitar a relação, os modelos de relacionamento que vemos hoje são as famílias pouco se envolvendo com a escola, como mostram os modelos citados por Joyce Epstein, Don Davies e Owen Heleen (Marques, 1999).

O que a escola busca é a motivação dos pais perante seus filhos, buscando a transformação, a comunicação entre ambos para favorecer a criança, mesmo que haja resistência das famílias, a missão é quebrar estes muros.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho pretendeu analisar como a relação família e escola interfere no desenvolvimento acadêmico da criança, tendo como princípio que a educação é dever do estado e da família também.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3899

Assim, a escolha do tema justifica-se por parte das autoras, pelo fato da vivência, que tiveram nos períodos de estágios supervisionados, quanto à relação entre família e escola, gerando, muitas vezes, interferências no desempenho acadêmico da criança.

Para se atingir o objetivo geral, definiu-se os cinco objetivos específicos. O primeiro procurou verificar a influência da participação familiar no desempenho acadêmico dos alunos; O segundo, objetivou investigar como a indisciplina interfere no desenvolvimento acadêmico; O terceiro examinou os impactos do nível socioeconômico e cultural das famílias no processo escolar dos alunos; O quarto,
A parceria entre escola e família e finalizando com o último objetivo que foi o de
Investigar como a comunicação entre a família e a escola interferem no desenvolvimento acadêmico.

Diante da pesquisa bibliográfica, a análise permitiu concluir que a relação entre família e escola pode interferir significativamente no desenvolvimento acadêmico da criança, existindo maneiras pelas quais essa relação pode impactar, como suporte emocional, comunicação eficaz, expectativas e valores, apoio ao aprendizado, desenvolvimento de habilidades e melhoria do desempenho.

Em resumo, uma relação positiva e colaborativa entre família e escola pode ter um impacto significativo no desenvolvimento acadêmico da criança, ajudando-a a alcançar seu potencial e a ter sucesso na escola.

Referências

AQUINO, Julio. A desordem na relação professor-aluno. In: AQUINO, Júlio (Org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas escola: 2. ed. São Paulo: Summus, 1996b. p. 39-55.

ARIÉS, Philipe. A família. In: História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. Cap. 3.

ASSIS, Nízia de. Revendo o meu fazer sob uma perspectiva teórico-prática. In: GRINSPUN, Mírian P. S. Zippin (Org.). A prática dos orientadores educacionais. São Paulo: Cortez, 1994. p. 125-141

BRASIL. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em:. Acesso em: 15 out. 2008

COLLETT, B. R., GIMPEL G. A., GREENSON, J. N., & GUNDERSON, T. L. (2002). Assessment of discipline styles among parents of preschool through school-age children. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 23(3), 163-170.

DE, Y.; TAILLE, L. Moral e Ética: Uma Leitura Psicológica Moral e Etica: A Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/q3bqSwJ3MYGgzm8LcckVW6K/?format=pdf&lang=>.

DUARTE, Sandra M. N. Moura. O emprego das mulheres e as estruturas de apoio às crianças. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 4., 2000, Lisboa. Actas... Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia, 2000. Disponível em:. Acesso em: 14 out. 2008

Lahire, B. (2004). Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. São Paulo: Ática.

LIPPITZ, W., & LEVERING, B. (2002). And now you are getting a teacher with such a long name. *Science*, *18*(2), 205-213.

MALAVAZI, Maria Márcia Sigrist. Os pais e a vida escolar dos filhos. 2000. 320 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2000

PATTO, M.H.S. (1997). A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro. Introdução à Psicologia Escolar (3ª ed.): (pp. 281-296). São Paulo: Casa do Psicólogo.

RATHVON, Natalie.Crianças Desmotivadas. Nova York: Simon and Schuster, 1996. 239 p.

VENOSA, Sílvio de Salvo. Direito civil: direito da família. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2005. v. 6

ZAGO, N. (2000). Processos de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar. In M.A. Nogueira, & G. Romanelli (Orgs.). Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares (pp. 17-43). Petrópolis: vozes